

**PIEIDADE, SADISMO, SEDUÇÃO:
A LIBERAÇÃO DO CORPO MISTIFICADO**

Michel Gonçalves CESARINO¹

RESUMO: O presente texto divide-se em duas partes: A primeira parte centra-se na apresentação do *mythos* do romance *A Religiosa*, sendo isso necessário devido às peculiaridades a partir das quais tal obra surgiu; a segunda demonstra alguns desdobramentos críticos que podem ser feitos a partir da leitura dessa obra. Trata-se de um romance fortemente ótico, cheio de quadros e imagens que desvela por meio da idéia de mistificação o que seria a liberação corporal.

Palavras-chave: A Religiosa, Diderot, corpo, histeria, ótica, anamorfose.

RESUME: Ce texte est divisé en deux parties: La première se centre sur la présentation du *mythos* du roman *La Religieuse*, ça a été nécessaire parce que ce roman est venu à bout par des situations bien particulières; la deuxième partie montre quelques aspects critiques qui peuvent advenir de la lecture de ce roman. Il s'agit d'un roman bien optique, plein de tableaux et images, qui desvèle parmi l'idée de mystification ce que serait la libération corporelle.

Mots-clés: La Religieuse, Diderot, corps, hystérie, optique, anamorphose.

1. A Religiosa e a mistificação

Havia longo tempo que um marquês de Croismare se afastara de Paris. Os amigos gostavam muito dele, sentiam sua falta. Souberam que se interessara pelo caso de uma religiosa, que havia submetido à justiça civil o seu desejo de quebrar os votos religiosos. Ele tentou intervir em seu favor, sem conhecer maiores detalhes sobre ela, tais como nome ou idade. Perdido o processo, mantiveram-na no convento.

Aproveitando-se desse evento, Diderot e alguns amigos decidiram trazer o marquês de volta a Paris. Iniciaram uma mistificação: escreviam cartas para o marquês, passando-se pela religiosa e por uma senhora Madin, que a ajudava.

A fictícia religiosa, perdido o seu processo, fugira de seu convento. Soubera que o marquês havia se interessado por seu caso e decidiu valer-se de sua ajuda, escrevendo-lhe. Prontamente dispôs-se a recebê-la em sua propriedade, em Caen, na província, longe de Paris.

Divertiam-se lendo as cartas escritas com boa fé por Croismare; mas não conseguiam trazê-lo a Paris a pretexto da religiosa; quando souberam que ele mobilizara os preparativos em sua propriedade para receber a jovem fugitiva, resolveram finalizar a mistificação fazendo com que a religiosa morresse. Somente alguns anos depois ele descobriu, aos risos, que havia sido objeto de uma mistificação.

¹ Mestrando em Teoria e História Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp.

Diderot acreditava que o marquês não aceitaria ajudar a religiosa sem a conhecer melhor; compôs as memórias nas quais ela conta tudo pelo que passou, desde o seu lar até a sua fuga e vida fora do convento.

As cartas do Marquês, da senhora Madin e da religiosa, nas quais se desenrolam detalhes do padecimento e morte desta, juntamente com algumas observações de Diderot quanto à mistificação conduzida por ele e seus amigos, constituem aquilo que o autor denominou prefácio anexo, que apesar do nome, foi anexado intencionalmente ao final das memórias da religiosa. Juntos constituem o romance *A Religiosa*.

Piedade, Sadismo, Sedução: A Liberação do Corpo Mistificado. Este título refere-se ao romance: há nele três momentos, relativos às madres superiores dos conventos pelos quais Suzanne, a protagonista, passou: a primeira madre era piedosa e mística, a segunda sádica e supersticiosa, a terceira sedutora e lésbica.

A vida de Suzanne e seu sofrimento estão submetidos a um infortúnio inicial, mal permanente aos olhos de sua mãe, a lembrança constante do erro de outro tempo: ter uma filha de outro homem que não o seu legítimo.

As irmãs de Suzanne, filhas legítimas, tiveram dotes vultosos constituídos a partir dos bens de família, para que ela nada pudesse pleitear para si o que lhe cabia perante a lei. Seu destino é o convento, sua vida é a religião, expiar a culpa da mãe, livrando sua família da inconveniência de seu ilegítimo nascimento.

Em seu primeiro convento ela fez um escândalo durante a cerimônia de investidura do hábito. Levada para casa algum tempo depois, lá é fechada em seu quarto, proibida de sair, de ver outras pessoas, mesmo as da família, até que lhe revelaram que era bastarda; de posse dessa informação, então se conformou com o que lhe exigiam que fizesse: tornar-se religiosa. Foi enviada ao convento de Longchamp, nos arredores de Paris. Torna-se postulante, depois noviça, por fim profere os votos religiosos.

Uma cena marcou-lhe profundamente: uma religiosa enlouquecida havia fugido da cela na qual era mantida; estava aos gritos, com olhar perturbado, correntes de ferro em seus punhos, quase desnuda, arrancava os cabelos, corria desesperadamente pelo convento. A fuga dessa religiosa enlouquecida tornou-a mais firme e resoluta quanto ao seu desejo de liberdade, pois não queria findar sua vida em condição semelhante à pobre ensandecida.

Neste período a madre superiora é uma mulher piedosa e mística; ao rezar passa por transportes, êxtases místicos. Esse comércio com o divino é cortado pela presença inquieta de Suzanne, é como se à sua aproximação a divindade houvesse se esvaído. A madre perdeu sua inspiração, Deus se retirou ante a falta de dom da jovem. Quanto à madre, perdera seu dom de

consolar e entusiasmar seu rebanho. Dom que só retornou às vésperas de sua morte. O convívio de Suzanne com essa madre foi muito inspirador, graças à virtude, pureza e outras qualidades mais que sempre apreciou nessa mulher; lembrava-se dela sempre, mesmo muito tempo depois de sua morte.

O segundo momento inicia-se com a sucessão de uma nova madre superiora à administração da piedosa madre Moni, Sainte-Christine, sádica e supersticiosa. Ela ordenou a distribuição de cilícios e disciplinas, retirou o velho e o novo testamento de todas as religiosas, endureceu a disciplina e a ordem da casa e ainda exigiu que cinzas fossem misturadas às refeições. A jovem religiosa lamentava-se com frequência da perda de sua antiga superiora abertamente. Para se proteger daquilo que excedia ao exigido pela regra, dura demais em si, resolve estudá-la, só fazendo aquilo que era prescrito, resguardando-se dos abusos normalmente praticados, quando lhe era exigido algo além daquilo a que era obrigada. Logo outras recorrem aos seus conhecimentos das leis. Além disso, ela havia atirado sua disciplina e seu cilício ao fogo, mantinha consigo os dois testamentos. Acusada de incitar a rebelião na casa, torna-se odiosa à sua superiora.

Seu descontentamento aumentou mais ainda. Mesmo cumprindo com zelo, mérito e virtude todos os seus deveres, sentia aversão pela vida de religiosa. Decidiu então pleitear juridicamente a quebra de seus votos. Seria preciso escrever algo denunciando a sua situação, valeu-se, para tanto, dos papéis que deveriam ser usados na cerimônia de confissão. Solicitara uma quantidade muito superior de papel, alegando que seria utilizado para preparar e escrever sua confissão. Não tendo se preparado para a esta, permaneceu pouco tempo no confessionário. Repararam nisso e desconfiaram que ela houvesse dado outro destino ao papel. Foi interrogada pela madre superiora, no entanto não revelou o verdadeiro destino dado ao maço de folhas que lhe fora confiado.

Trancada em um calabouço subterrâneo, frio e úmido, a pão e água, sendo liberada depois de três dias, novamente foi interrogada, mas insiste abster-se de revelar o que havia feito com o papel. É liberada então, mas não antes de ser forçada a jurar para a madre que não mencionaria a ninguém nada daquilo a que havia sido submetida.

Ela conseguiu tornar suas memórias públicas graças a conhecidos influentes de uma freira, que era sua amiga. As memórias suscitaram o interesse de um advogado, o senhor Manouri, que se encarregou de seu processo. Quando o convento foi notificado do processo, os maus tratos se intensificaram; a comida lhe era negada, o pouco dado era vergonhoso, não seria dado nem a um animal. Foi acusada injustamente de diversas coisas e difamada; diziam

que ela estava sob influência demoníaca, acusavam-na de umas indecências que ela não compreendia muito bem do que se tratavam.

O processo foi indeferido. Recomeçam as torturas, disfarçadas sob a forma de uma penitência a Deus pelo mau comportamento. Seus dias novamente estavam miseráveis e sua esperança reduzida. Um padre, juiz eclesiástico, foi enviado ao convento para restaurar a ordem da casa. As religiosas montaram uma farsa para que ele acreditasse que Suzanne estava possuída. Mantinham-na fortemente amarrada; segurando a extremidade das cordas, simulavam, por meio de seus movimentos, uma resistência da jovem em ser conduzida próxima ao altar. Hébert, pergunta-lhe se rejeita a Satanás e às suas pompas, nesse momento ela grita fortemente. Espantado, o religioso perguntou o que acontecera. Ela lhe disse ter sido espetada por trás pelas freiras, para ele acreditar que ela estava possuída. Depois de um longo interrogatório, de exigir atos de fé, amor, esperança e caridade, certificou-se não só da injustiça das acusações mantidas pela mãe e suas comparsas, como sobretudo da fé zelosa da jovem. A mãe foi severamente repreendida e obrigada a cessar com o mau proceder.

Hébert volta a Longchamp alguns dias depois. Averiguado o estado de Suzanne, interroga-lhe quanto ao tratamento que estava recebendo; informou-lhe que seria conduzida a Sainte-Eutrope, outro convento, naquele mesmo dia, graças à intervenção do senhor Manouri. Nesse convento impera uma disciplina relapsa. As freiras se divertem em recreios, os serviços religiosos são feitos às pressas. Trata-se de um lugar contrário ao que era esperado dele; ao invés de cultivarem a adoração ao divino e a abdicção dos prazeres mais materiais, sua prática mais freqüente era a exaltação dos sentidos.

A mãe superiora apaixonou-se pela jovem. Esta não se dava conta do que ocorria, permitia que sua superiora a acariciasse, a beijasse no rosto, no pescoço, nos braços, que a abraçasse pelo meio da cintura e a sentasse em seu colo. Que mal haveria nisso tudo? Segundo pensava, era uma forma inocente de amigas mostrarem seu afeto uma pela outra. Numa pretensa aula de música, na qual a mãe demonstrava sua amizade afetuosamente, esta sofreu um estranho padecimento. Suzanne, graças à inocência com a qual se caracteriza, não suspeitava da real natureza do “padecimento”, a seu ver tratava-se de uma doença. Em outro encontro, observou que a mãe estava sofrendo de novo da aparente doença, talvez contagiosa, pois que ela havia observado em si sintomas semelhantes aos da mãe.

Conversando depois disso com a mãe, a incauta freira disse que não sabia o que era a linguagem dos sentidos. A superiora, no entanto, replicou que poderia lhe esclarecer. Ela não sabia de nada, melhor seria permanecer assim do que adquirir um conhecimento que aumentasse o seu sofrimento; não tinha desejos e não gostaria de procurar por aqueles que

não poderia satisfazer. Disse a sua madre que preferia morrer a deixar de ser inocente, impossibilitando-lhe assim toda e qualquer satisfação amorosa e sensual.

Na confissão, Suzanne revela ao padre os detalhes de sua amizade com a superiora; aquele lhe ordenou cessar imediatamente com tal permissividade e que se mantivesse afastada da madre. O padre não lhe revelaria o motivo de tais ordens, pois teria de esclarecê-la sobre a conduta condenável de sua superiora; isto seria arriscar-se a corromper-lhe a inocência, a qual, segundo ele, a mantivera livre de maiores prejuízos morais e espirituais.

Ter a inocente e casta Suzanne é impossível. Frente ao definitivo afastamento de seu objeto de amor, a madre se sente culpada, depois arrependida. Busca refúgio na religião, faz penitência num gesto de contrição imperfeita. Por fim acredita-se irremediavelmente danada e sem salvação. Enlouquecida é mantida presa, morrendo após alguns meses.

Outra madre assume o convento. Observando o surgimento de novas perseguições, sob acusação de que havia enfeitado a superiora, a religiosa aceitou fugir com um beneditino, que tinha uma história semelhante à sua.

No dia combinado ela está ao lado dos muros do convento, uma corda lhe é jogada; na primeira alçada ela caiu e feriu-se gravemente na região dos rins, depois de mais algumas tentativas, ela finalmente está fora do convento. Separa-se do religioso, pois ele tentou abusá-la. Em Paris fica alojada cerca de uma quinzena numa casa suspeita; lá mulheres eram agenciadas para servir de diversão e entretenimento aos homens. Ela consegue fugir na calada da noite e se sente arrependida de ter se evadido do convento.

Abordada por alguns homens, cai inconsciente à porta de um fabricante de velas. Lá permanecendo até o dia seguinte. Dirigindo-se a Sainte-Cathérine ficou lá três dias, depois descobriu o péssimo lugar no qual estava: as cafetinas e os homens libertinos acorriam para lá, à busca de mulheres convenientes a seus intentos. Disseram que ela deveria ser conduzida ao asilo geral, à Salpêtrière, onde eram alojadas as mulheres loucas, indigentes e criminosas, ou apegar-se à primeira oportunidade que aparecesse. Ela acabou se empregando numa engomaria, na qual se abrigava.

Sua situação ainda não era das melhores, alimentava-se mal, descobrira que seu raptor havia sido detido e estavam à procura dela. Vivia alarmada e apesar disso não conseguia se livrar de certos hábitos mecânicos adquiridos no convento, tais como dizer *ave* todas as vezes que lhe batiam à porta, ou recurvar-se diante de um desconhecido, fazer o sinal da cruz ao tocar de um sino. Acreditavam que ela estava imitando a religiosa fugitiva; não deveria, segundo disseram-lhe, ocupar-se de uma desavergonhada de uma fugitiva; tudo o que esta precisava fazer era dormir, comer, rezar... Mas agora seria justamente castigada por Deus.

Ela, a fictícia religiosa, encerra suas memórias dirigindo-se a Croismare num tom patético e comovedor, falando de seu atual sofrimento, enumerando suas qualidades e habilidades, contentando-se apenas com um abrigo seguro e comida, em troca de seu trabalho e gratidão. Ainda considera, num *post scriptum*, ter se mostrado talvez muito mais amável e cheia de infortúnios; questiona-se se é por serem os homens mais propensos à imagem do encanto do que da tristeza, sendo talvez menos fácil comover do que seduzir. Considera ser um erro da parte do marquês acreditar que ela estaria visando não a sua benevolência, mas ao seu vício; ele estaria atribuindo-lhe algo comum a muitas mulheres, inválido quanto a si: uma mulher talvez faceira, mas natural e sem artifício.

2. A ótica na obra: aspectos temáticos

Marguerite Delamarre reclama contra seus votos em 1752, tinha 35 anos. Filha de pai joalheiro ingressou em Val-de-Grace, como postulante, aos 15 anos; depois em Longchamp em 1734, aos 17 anos. Seu processo se finda definitivamente indeferido no ano de 1758. A mistificação se inicia em janeiro de 1760, sendo que a última carta do marquês de Croismare sobre a religiosa data de 18 de Maio. Não ao acaso Diderot escolhera o nome de Suzanne à sua religiosa. Baseou-se na famosa narrativa bíblica, presente no livro de Daniel, no capítulo 13: Susana, a Casta.

Susana vai banhar-se em seu jardim. Acreditando-se apenas com as jovens que a serviam, pede que se retirem para trazer-lhe os óleos do banho. Escondidos, observam – na, dois anciãos do povo, juízes de reputação ilibada, que há muito a desejavam. Percebendo que agora ela estava sozinha, os anciãos se aproximam e lhe impõe uma escolha, satisfazê-los em seus desejos, ou ser denunciada como mulher adúltera. Testemunhariam contra ela, pois assim preferiu Susana: ser acusada de algo que não fez, a tornar-se iníqua perante Deus. Segundo o falso testemunho de seus acusadores, ela teria sido encontrada a sós em seu jardim com um jovem. Os dois anciãos correram para agarrá-lo, mas devido à fraqueza de suas velhices, não puderam detê-lo. Puseram-se aos gritos chamando por todos. Durante o julgamento, os velhos ordenaram que Suzanne tirasse o véu que ocultava o seu rosto. Queriam apreciar a sua beleza. Suzanne suplica a Deus e Este suscita Daniel dentre a multidão; inspirado por Deus, ele realiza o julgamento de forma justa e sábia, inocentando a acusada. Os dois anciãos são desmascarados e punidos.

Em setembro de 1770 publica-se na *Correspondance Littéraire*, apenas o prefácio anexo, sendo o romance publicado nesta mesma só em 1780, a partir da proposta de Diderot

em uma carta a seu amigo Meister, encarregado da *Correspondence Littéraire*. Nessa carta o autor comenta:

É uma obra que fiz no correr da pena (...) Está cheia de quadros patéticos. É muito interessante, e todo o interesse centra-se sobre a personagem que fala. (...) Ela é intitulada A Religiosa; eu não creio que se tenha jamais escrito uma sátira mais terrível dos conventos. É uma obra a se folhar sem cessar por pintores; e se a vaidade não se opusesse, sua verdadeira epígrafe seria: *son pittor anch'io* (Diderot, 1997, p.1309)

Normalmente há dois focos de estudo sobre a obra. Um baseia-se na crítica do convento como instituição desumana, o outro na questão do mistificar.

Mistificar é valer-se da credulidade para dissimular ou simular algo. No convento as freiras e madres esforçam-se em ganhar a confiança das postulantes e noviças. “Seu estudo é de vos retirar todos os espinhos do estado; é um curso de sedução, a mais sutil e bem preparada” (Diderot, 1968, p.44), escreve Suzanne. Mistificações para conduzir mentes, manipular os corpos e fazê-los agir determinadamente. Suzanne não é apenas mais uma vítima de um sistema esmagador. Trata-se de alguém que se narra, que define sua subjetividade ao mostrar-se, esse mostrar-se tem certa correlação com a Susana que banha-se, sendo observada com desejo. Subjetividade que luta por se libertar de um julgo, tal como Susana tenta se libertar da falsa razão de seus algozes. O convento é a figura não só da prisão corporal, mas também da do espírito, refletida nas formas de histeria e na loucura.

No texto intitulado *Sur les Femmes* (Sobre as Mulheres), Diderot escreveu:

A mulher traz dentro de si mesma um órgão suscetível de espasmos terríveis, que dispõem dela, e que suscita em sua imaginação fantasmas de toda espécie. É no delírio histérico que ela volta ao passado, que ela se lança para o futuro, que todos os tempos lhe são presentes. É do órgão próprio ao seu sexo que partem todas as suas idéias extraordinárias. (...) Sua cabeça fala ainda a linguagem de seus sentidos quando estes se acham mudos. Nada é mais contíguo que o êxtase, a visão, a profecia, a revelação, a poesia fogosa e o histerismo (Diderot, 2000, p. 222-223).

As três madres figuram formas de histerismo. Moni reflete o histerismo através da mania da piedade e do êxtase religioso, exercendo sobre as outras um papel sedutor quando as contaminava e as embalava com seus êxtases, de acordo com o que diz Suzanne. A madre Christine pratica um sadismo cruel e também conduz outras na exteriorização de suas brutalidades. A madre de Sainte-Eutrope, também tem suas seduzidas, antes de Suzanne havia se envolvido com irmã Sainte-Agathe e com Sainte-Thérèse, que teve o mesmo fim de sua madre, morrer de amor impossível, em estado de loucura.

A histeria se manifesta numa espécie de desposse pessoal. A ausência de consciência, o fraquejar das pernas, lágrimas incontidas, sangue a verter do corpo, os olhos que se perturbam fazendo volteios, são algumas das expressões físicas dessa desposse, refletida em mulheres que se liquefazem frente à dureza da regra e da lei. Estabelece-se uma oposição entre homens e mulheres. Os homens do romance exercem a função racionalizante. Atuam aplicando a lei e as regras para restaurar a ordem quebrada: advogados, diretores de consciência, juízes eclesiásticos e, além disso, Suzanne apresentando a Croismare as suas memórias, dirigindo-se a ele, como se este fosse um juiz na posição de julgar se merecia ser ajudada.

Suzanne apresenta duas linguagens no romance: no convento de Sainte-Marie e em Longchamp, sua linguagem é firme; protesta, valendo-se da regra e por fim da lei civil. O seu discurso, marcado por uma nuance racional, evidencia a luta para evitar a última e mais temida desposse de si: a loucura, figurada na fuga da religiosa enfurecida em Longchamp, na madre de Sainte-Eutrope e na irmã Sainte-Thérèse, estas duas falecidas em estado de loucura.

No último convento, face à desnaturação das inclinações do corpo, a sua linguagem é inocente. A madre a deseja, a quer, mas ela não consegue compreender esse nível de sedução mais carnal, menos sutil do que as formas de sedução dos conventos anteriores, por não conhecer as leis do desejo e a linguagem do corpo. Seu conhecimento mais próximo disso foi expresso através de uma linguagem médica imperfeita, uma linguagem racional, quando ela toma o orgasmo de sua madre como o sintoma de uma doença talvez contagiosa. A sua tentativa de aplicar uma linguagem racional ao corpo falha. Antes dela os homens da lei e da religião falharam em aplicar as razões da lei aos corpos do convento, produzindo mulheres infelizes, histéricas ou loucas.

A madre lésbica e sua antiga amante são mais humanas do que Suzanne, pois estão mais próximas do fluxo de seus corpos, ao passo que a jovem tenta aplicar a racionalidade ao corpo. No campo da epistemologia é como se a razão tentasse determinar e atuar sobre a experiência sem a experiência. A sátira ao convento pode ser transferida ao campo epistemológico representando uma crítica à razão que atua sobre a experiência sem os dados desta. Os sonhos da razão sem a experiência produziram monstruosidades. Sendo o romance tão ótico tão cheio de quadros e apresentando vários planos, é possível encará-lo como um experimento de diversos espelhos de diversas propriedades em que imagens se projetam, trata-se de um labirinto ótico repleto de anamorfoses.

Sainte-Eutrope é um mundo regido pela linguagem do corpo, dos sentidos e do prazer; Suzanne não domina essa linguagem por situar-se num plano de linguagem racional

sem a participação da linguagem proveniente da experiência do corpo. Isso representa um problema de tradução, de passagem de um plano a outro. Ela não consegue fazer essa passagem por não dominar a linguagem inerente ao outro plano de expressão. Em vista disto, tenta compreendê-lo por sua própria linguagem, tornando aquele plano deformado e ilógico para si, apesar de aquele plano ser inerentemente lógico a si mesmo. Não seria a inocência de Suzanne uma monstruosidade no plano de significados da madre de Sainte-Eutrope?

Essa questão dos diversos planos de expressão, planos que seriam como espelhos, permite outra leitura do romance. A intenção de chamar de prefácio algo que está no final de uma obra é desmistificar: desfazer a ilusão para mostrar como esta se fez. Daí ser um livro a ser lido por pintores. Com isso a mistificação começa na realidade (o marquês acredita na sua religiosa), o leitor lê o romance, sente o poder da ilusão, no fim é desmistificado sobre a origem do romance. Os corpos e as realidades dentro do romance também não estariam mistificados por causa das distorções que sofrem em suas imagens na passagem de um plano de linguagem a outro, tal como acima enunciou-se? A mistificação é uma distorção de realidades que produz anamorfoses e estas têm suas próprias leis em seus próprios planos de linguagem.

Da mesma forma os corpos tem leis próprias para expressarem aquilo que sua natureza lhes exige. Submetê-los a leis que são contrárias à sua natureza produz distorções, sejam histerismos, manias ou loucuras.

Suzanne, graças às induções de diversas experiências, ao longo do romance, representa o corpo sacrificial de todas as mulheres do convento submetidas aos mais diversos carrascos de seus caminhos possíveis, mas também representa, numa reviravolta, uma espécie de carrasco, por não ser capaz de lidar com a alteridade, por manter-se sempre num mesmo plano de entendimento.

A loucura e a morte foram as únicas formas de liberação em face da razão dura da lei e da regra. A própria mistificação conduzida por Diderot e por seus amigos contra Croismare teve de ser finalizada com a morte de Suzanne. O que se busca no romance não é uma liberdade abstrata, encerrada em labirintos da razão, mas sim uma liberdade concreta baseada na filosofia da experiência. Corpo livre pela morte, e espírito livre pela loucura foram os resultados da sociedade convento.

REFERÊNCIAS

BALTRUSAITIS, J. Anamorphoses. In : **Les Perspectives Dépravées**. T.2. Paris: Flammarion, 1996.

DIDEROT, D. **Correspondance**. T.5. Paris: Ed. Robert Laffont, 1997.

_____. **Obras I: Filosofia e Política**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.

_____. **La Religieuse**. Ed. GF-Flammarion. Paris, 1968.